Globethics Repository




# Uma guerra civil no quintal [A civil war in the backyard]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see https://www.globethics.net. Data and content policy of Globethics Repository see https://repository.globethics.net/pages/policy.

| | |
|---|---|
| Item Type | Article |
| Authors | Carneiro, Flávio |
| Publisher | Núcleo de Estudos e Pesquisa do Protestantismo da Escola Superior de Teologia |
| Rights | Creative Commons Copyright (CC 2.5) |
| Download date | 2026-11-19 10:50:40 |
| Link to Item | http://hdl.handle.net/20.500.12424/235454 |

Protestantismo em Revista
Revista Eletrônica do Núcleo de Estudos e Pesquisa do Protestantismo (NEPP) da Escola Superior de Teologia
Volume 03, jan.-abr. de 2004 – ISSN 1678 6408

# Uma guerra civil no quintal: resenha crítica de CÉSAR, Waldo. Tenente Pacífico: um romance da revolução de 32. São Paulo : Record, 2002.*

**Por Flávio Carneiro****

Em seu ensaio sobre o narrador, Walter Benjamin afirma que, no mundo moderno, a arte de narrar está em vias de extinção. Benjamin se refere a um tipo de narrador que se aproxima do antigo contador de histórias, responsável, nas sociedades primitivas, pela preservação e transmissão da memória coletiva. O acervo de tradições, lendas e costumes era passado de geração a geração através das histórias contadas por um velho, detentor não apenas de uma rica experiência como também da habilidade de convertê-la em prazer e sabedoria para os ouvintes.

Se, no decorrer do século 20, a figura do contador de histórias acabou relegada a segundo plano, em função sobretudo das experimentações formais das vanguardas, neste início de milênio ela parece retornar, reforçando o que talvez seja o traço mais importante da ficção atual: a reescritura, em diferença, de antigos modelos.

É o caso de *Tenente Pacífico*, de Waldo Cesar, que reencena a velha arte de narrar, mesclando suas próprias memórias de infância ao conturbado momento vivido pelo país no início dos anos 30. O romance tem como pano de fundo - ou um pouco mais que isso - a Revolução Constitucionalista de 1932, quando São Paulo, sentindo-se preterido econômica e politicamente por Getúlio Vargas, pega em armas contra as tropas governistas.

---

* Originalmente publicado em *Jornal do Brasil,* Rio de Janeiro, 27 de julho de 2002, caderno *Idéias,* p. 4.

** Escritor, professor de Literatura Brasileira da Uerj e autor de 'O cristal e a chama'

O narrador é Samuel, pastor protestante radicado em Resende, interior do Estado do Rio. Ao contrário do que sugere o título, o romance se detém relativamente pouco na figura do tenente Pacífico, amigo de Samuel e membro da Igreja que acaba se tornando oficial do Exército getulista. Há personagens com mais presença na história, como o próprio narrador ou seu filho, Pedro. Pacífico serve como fio condutor, como *leitmotiv* de uma narrativa centrada na crônica da família e nos acontecimentos políticos da época.

O primeiro capítulo é um tanto árido, com excesso de informações e citações diversas, podendo espantar o leitor mais impaciente. A história, porém, vai engrenando pouco a pouco e, sem nos darmos conta, ficamos de tal forma ligados à trama que abandonar o livro, mesmo por instantes, é um verdadeiro sacrifício.

Como na tradição dos antigos contadores - que o diga Sherazade -, Samuel vai entremeando outras vozes ao seu relato: trechos do diário de guerra do tenente Pacífico e do caderno de anotações de Pedro, passagens bíblicas, recortes de jornais da época, transcrições de cartas trocadas entre antepassados, além de versos de Ana Cristina César, filha do autor. Como Maria Rita, matriarca da família, a tecer dia após dia uma longa colcha de retalhos, Samuel vai costurando fragmentos de histórias diversas, na feitura de sua própria história.

Pedro, filho de Samuel, também ensaia sua verve de ficcionista ao criar a Cidade dos Homens Pequenos. A cidade de Pedro é responsável por alguns dos melhores momentos do livro. No seu quarto, o menino mantém viva uma cidade em miniatura feita de todo tipo de objetos: botões, rolhas, caixas, latas, pedaços de metais, tampinhas de garrafas. Imitando, a seu modo, a Resende real, ele não apenas recria episódios de sua própria vida como prevê outros, inclusive da própria guerra - com a ajuda do tenente Pacífico e de um tio, Benedito, que presenteiam o garoto com exércitos rivais de soldadinhos de chumbo.

Na cidade inventada por Pedro não há cemitério: "os soldados que morreram voltam a combater no dia seguinte". Na guerra lá fora, no entanto, as pessoas morrem de verdade e o romance também trilha esse caminho, o de um retrato de época, mostrando não só os horrores dos campos de batalha quanto os bastidores políticos, no quais se decidia a sorte do país. Sem cair no didatismo excessivo ou naquelas insuportáveis lições de moral, de ética ou de política que certos autores do gênero tentam nos impingir, Waldo César articula fato e ficção de forma harmoniosa. A esse propósito, merece destaque o capítulo "A glória e o poder", trazendo um antológico diálogo entre Oswaldo Aranha, homem de confiança de Getúlio, e alguns coronéis paulistas.

Tenente Pacífico deve ser lido sem pressa, longe do barulho, se possível no aconchego de uma cadeira de balanço. Walter Benjamin também dizia, no seu ensaio, que a arte de contar histórias se perdeu porque as pessoas perderam o dom de ouvir. Para ele, o problema não estava apenas na incapacidade de contar, mas também na de escutar. Quando escreve seu ensaio, no período entre a primeira e a segunda guerras mundiais, Benjamin afirma que as pessoas já não têm mais tempo para ouvir histórias e que os velhos narradores morreram por um motivo muito simples: "ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história".

Fiar ou tecer enquanto se ouvia histórias significava, entre outras coisas, viver num mundo em que havia espaço para o lazer, o ócio, o "tempo a perder" com coisas consideradas de menor valor. Daí a impossibilidade de existência, hoje, dos antigos narradores, incompatíveis com a filosofia do *time is money*. Ainda assim, acrescentava Benjamin, eles reaparecem na obra de certos escritores modernos, como o russo Nicolai Leskov ou, podemos acrescentar, como em *Tenente Pacífico*. Ao resgatar do passado uma velha forma de contar, o romance indiretamente traz de volta também um antigo modo de ouvir e ler histórias, cada vez mais necessário.